



SILVA, Fabio Mario da. São José do Egito: berço da poesia popular. Breves notas sobre a Festa de Louro. *Revista Épicas*. Ano 8, NE 7, Mai 2024, p. 207-215. ISSN 2527-080-X. DOI: <http://dx.doi.org/10.47044/2527-080X.2024.ne7.207215>

### **SÃO JOSÉ DO EGITO: BERÇO DA POESIA POPULAR BREVES NOTAS SOBRE A FESTA DE LOURO**

### **SÃO JOSÉ DO EGITO: CRADLE OF POPULAR POETRY BRIEF NOTES ABOUT A FESTA DE LOURO**

Fabio Mario da Silva<sup>1</sup>  
Universidade Federal Rural de Pernambuco

**RESUMO:** A Festa de Louro é uma comemoração centenária que acontece todo dia 6 de janeiro para celebrar a cantoria e a poesia através da data de nascimento de Lourival Batista. Inicialmente festejada entre familiares e amigos, nos últimos anos essa festa se tornou um dos principais acontecimentos da região. Assim, São José do Egito, uma espécie de paisagem cultural constituída como memória de um povo, atrai a atenção da cultura e do cenário artístico popular se tornando a principal referência poética do Sertão de Pernambuco. Temos por objetivos falar de maneira panorâmica sobre a figura de Louro, a festa que recebe o seu nome e o cenário cultural da sua cidade natal.

**Palavras-chave:** Festa de Louro, poesia popular, São José do Egito.

**ABSTRACT:** The Festa de Louro is a centenary celebration that takes place every January 6th to celebrate singing and poetry through the date of birth of Lourival Batista. Initially celebrated among family and friends, in recent years this festival has become one of the main events in the region. Thus, São José do Egypt, a kind of cultural landscape constituted as the memory of a people, attracts the attention of the popular culture and artistic scene, becoming the main poetic reference of the Sertão of Pernambuco. Our objective is to speak in a panoramic way about the figure of Louro, the party named after him and the cultural scene of his hometown.

**Keywords:** Festa de Louro, popular poetry, São José do Egito.

---

<sup>1</sup> Professor de Literatura da Universidade Federal Rural de Pernambuco/ Unidade Acadêmica de Serra Talhada. Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da UFRPE. Investigador do Centro de Estudos Clássicos da Univ. de Lisboa, o Centro de Literatura Comparada Margarida Losa da Univ. do Porto e do Centro de Estudos Épicos da Univ. Federal de Sergipe.

No dia 6 de janeiro de cada ano, realiza-se em São José do Egito a Festa de Louro em que se comemora a data de nascimento de Lourival Batista, ocorrida a 6 de janeiro de 1915, nessa pequena cidade do interior de Pernambuco. A empreitada é realizada pelo Instituto Lourival Batista/A Casa do Repente que, efetivamente, assume a responsabilidade – mesmo sem grandes apoios financeiros para promover a festa –, através do seu presidente, bisneto que tem o nome do famoso poeta António Marinho. Observa-se que essa dificuldade em promover a cultura popular em Pernambuco, já foi referida pelo próprio Louro em uma entrevista ao jornalista Gildson de Oliveira, no *Diário de Pernambuco*, a 29 de novembro de 1992: “Até hoje não teve nenhum governo que se prontificasse a promover a arte popular. Eles se lembram muito no tempo das campanhas pra promover o próprio político e o programa que ele, em tese, implementaria depois de eleito. Mas na verdade isso nunca foi feito” (Batista apud Veras, 2004, p. 114).

Lourival Batista era conhecido não só pelo seu gênio poético, mas também pelo altruísmo e desprendimento com que ajudava a população mais carente. Segundo Maria Helena Marinho Patriota Lima, primogênita de Lourival Batista – na entrevista que me concedeu durante a Festa de Louro de 2024 –, o poeta não fazia distinção de classe social, era uma pessoa generosa. Muitas vezes, ele saía para comprar pão e quando chegava à casa, a sua mãe perguntava: “cadê o pão, Louro?”, ele o tinha distribuído todo no caminho. Muitas vezes levava quatro e cinco pessoas para almoçar. Louro era uma pessoa que pensava no bem-estar de todos, sendo muito conhecido em São José do Egito. Cantador andante por várias cidades e estados, este poeta possui uma personalidade única e marcante, como descrevem seus biógrafos: “seu lirismo era quase amusical, rico em humor, em permuta de letras e de nomes cuja base movediça, construía com segurança seus inimitáveis trocadilhos.... Ninguém até hoje, conseguiu fazê-los com tanta rapidez.” (VERAS, 2004, p. 73).

Segundo nos relatou Maria Helena Marinho Patriota Lima, a comemoração do aniversário do seu pai sempre existiu entre familiares e amigos. Assim, todos os anos, no dia 6 de janeiro, Louro tinha a capacidade de atrair os poetas de várias regiões do Brasil (gente do Ceará, Paraíba, Rio Grande do Norte, pessoas mais ligadas à poesia popular), numa festa em sua casa, com uma missa, e depois um almoço com muita cantoria. Quando, a 5 de dezembro de 1992, Louro falece, a família se perguntava se deveria ou não continuar a festejar o dia 6 de janeiro.<sup>2</sup> A esposa de Louro, Helena Marinho Patriota, filha do poeta Antônio Marinho, afirmou que se deveria continuar a celebração como sempre foi, com missa, cantoria, servindo baião de dois entre familiares e amigos para celebrar a memória do poeta, porque era assim que certamente ele gostaria de ser lembrado.

Após a morte da esposa de Louro, as comemorações pararam, mas Isabelly Moreira e um grupo de artistas e poetisas ainda adolescentes disseram que teriam que comemorar “o aniversário de Louro”:

Aí fizeram um forró de Louro, na calçada de Graça, num bar em frente dessa rua. Elas botaram um som na calçada de manhã, e começaram a cantar e todo mundo sem programação, sem nada, quem passava parava lá, fazia uma homenagem, cantava uma coisa, recitava um poema. Aí Antônio

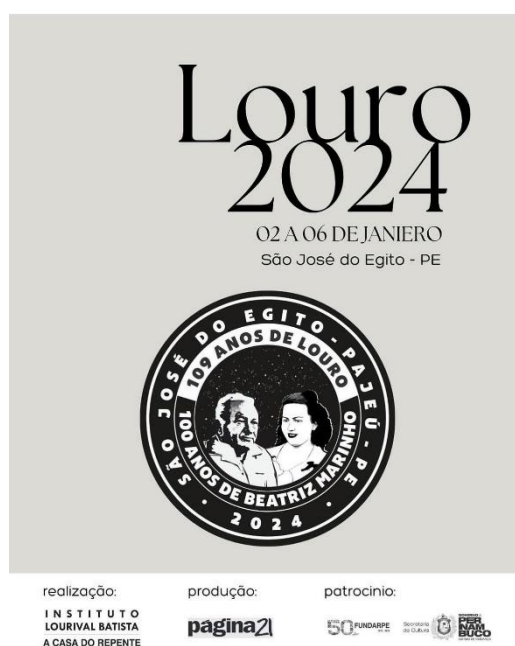
---

<sup>2</sup> É o que relata Bruno Albertim em texto do *Jornal do Comércio*.

Marinho, bisneto do poeta, disse “não é possível, o povo da rua tomou a iniciativa...”<sup>3</sup>

A Festa de Louro desde então foi tomando proporções a nível regional e nacional, com artistas da cultura local, escritores, cantadores e repentistas. Tal como quando o poeta estava vivo, tudo começa com uma celebração religiosa chamada de Missa do Cantador, dias antes do aniversário de Louro, toda ela realizada em versos e com muita cantoria. Em 2024, a missa contou com a presença dos cantadores Zé Carlos do Pajeú, André Santos, Aryel Freire e Erivaldo Ferreira e foi celebrada, como nos últimos anos, pelo Pe. Luisinho.

Com saraus, apresentações teatrais, música instrumental, rap, frevo, forró e a presença duma gama de artistas como Jessica Caitano, Bia Marinho, Zambé e Alceu Valença, a festa vem se afirmando como principal lugar de encontro da cultura pernambucana. Além de exibir filmes, realizar cursos e mesas de glosa, há espaço para feiras culturais e lançamento de livros que envolvem a cultura popular.



Cartaz da Festa de Louro de 2024 que também presta homenagem a outra egípcia, a poetisa Beatriz Marinho

Louro, Louro do Pajeú, ou Lourival Batista Patriota e a sua festa representam uma espécie de amostra do cenário da poesia que se fincou com esmero no aglomerado de municípios que fazem parte do Vale (Sertão) do Pajeú, constituído por 17 municípios de Pernambuco. Lembremo-nos que a cultura pernambucana é caracterizada pela multiculturalidade e a podemos identificar, como constatou Roberto Benjamin (2011), pelas diversificadas expressões, como a literária, a musical, o teatro, as artes plásticas, a arquitetura, a dança, as festas populares, a religiosidade etc. Relativamente ao Sertão, o mesmo pesquisador

---

<sup>3</sup> Fala de Dona Maria Helena Marinho Patriota Lima em janeiro de 2024, em sua residência em São José do Egito.

refere que por causa da pecuária extensiva desde os tempos coloniais, nessa região do estado, desenvolveram-se costumes peculiares, por exemplo, as festas de apartação, a tradição da partilha de animais entre os empregados, a produção de queijo, a preparação da carne de sol, as festas de tradição europeias, como o São João, São Pedro e Santo Antônio. Estas são terras influenciadas pela cultura religiosa católica, pela ancestralidade indígena e pela colonização portuguesa, que confluem na voz dos poetas e poetisas de São José do Egito como reflexo da multiculturalização da proposta da Festa de Louro.

Por isso, apesar do Sertão ser uma região com vocação para a agropecuária, revela aptidão para a preservação de laços culturais e tradicionais da poesia e músicas orais, destacando-se, além de São José do Egito, Tabira, Itapetim, Tuparetama. Tais cidades, influenciadas pela paraibana Teixeira, são exemplos de lugares em que a poesia improvisada faz parte de um cotidiano de cidadãos e cidadãs que, por vezes, em anos mais distantes, mal frequentaram a escola, mas que mesmo assim possuem tendência e apreço pela versificação.

Lindoaldo Campos afirma que a poesia produzida no sertão do Pajeú é influenciada quer pela tradição poética ibérica, quer pela indígena xukuru, e também devido às famílias que se estabeleceram em São José, vindas do Sertão do Piancó, Sertão do Espinharas e Sertão do Sabugi. Segundo o mesmo pesquisador, a configuração da Escola de Poesia de São José do Egito surgiu quando pessoas da Escola de Poesia de Teixeira na Paraíba migraram para a cidade, cujas características específicas podem ser compreendidas como um movimento composto por três ciclos:

**1º Ciclo** de 1911 – Ano em que Marinho do Pajaú iniciou suas práticas como cantador profissional – a 1948 – Ano em que o cantador; pesquisador e jornalista Rogaciano Leite realizou o Festival de Cantadores no Teatro Santa Isabel (Recife). Principais características: realização de cantorias “pé-de-parede”, abandono da prática de cantar cordéis. **2º Ciclo** de 1948 – ano em que o cantador, pesquisador e jornalista Rogaciano Leite realizou o Festival de Cantadores no Teatro Santa Isabel (Recife) a meados da década de 1980 – época em que o músico e poeta José Antônio do Nascimento Filho (Zeto do Pajaú) (Canhotinha/PE, 1956 – São José do Egito, 2002) foi residir neste lugar e estabeleceu fortes vínculos afetivos e poéticos com Job Patriota de Lima, que recitava composições da poesia denominada popular e da poesia denominada erudita (inclusive composta por versos livres) e a partir daí intensificou as práticas da declamação e da junção entre poesia e música. Principais características: participação de cantadores egípcios em eventos (congressos e festivais) em médias e grandes cidades, uso do rádio para a realização de programas de cantadores, início da produção de poesia de bancada publicada em cordéis e livros. **3º Ciclo** de meados da década de 1980 à atualidade. Principais características: intensificação da produção de poesia de bancada publicada em livros, apresentação de declamadores em eventos, junção entre poesia e música. (CAMPOS, 2024, p. 544-545)

Devido a esses ciclos poéticos de que fala Campos, São José do Egito ficou conhecida como “Musa do Pajeú”, município da cantoria. Assim, na senda de Louro, surgiram grandes nomes do repente e das poesias populares sertanejas. Dimas Guedes Batista Patriota, Otacílio Batista, Rogaciano Leite, Antônio Marinho e Dedé Monteiro são representativos da formação e frequência poética com que São José do Egito e a região do Pajeú produzem cantadores/versificadores. Por isso, é comum se aludir a São José do Egito

como terra evocativa dos saberes poéticos, da musa da inspiração, da identidade do povo, como Louro afirma nos seguintes versos sob o mote: “É São José do Egito/ A terra da inspiração.”:

Louro glosa:

Das musas santo caminho  
Poder mágico soberano  
Berço de Rogaciano  
Dos Batista e de Marinho  
Ao som das cordas do pinho,  
Das fogueiras de São João,  
Das festas de apartação  
De vaqueiro, aboio e grito  
É São José do Egito  
*A terra da inspiração.* (BATISTA apud VERAS, 2004, p. 182)

O ato de se inspirar na terra, cercada pela serra da Borborema, entre Pernambuco e Paraíba, coloca São José como terra de fronteira (a cidade já fez parte da Paraíba) com capacidade de sugestão para a criatividade de artistas. O ato e efeito de se inspirar tem a ver não apenas com o dom profético da poesia, mas com a predisposição de um povo para a imagética poética musical. Isso, como se vê nos versos de Louro, está nos cantos populares e na inspiração suprema que o caráter místico da poesia promove nessa sua cidade natal. Sendo assim, percebe-se porque Zé de Quitéria de João de Mandu (José Rabelo de Vasconcelos, São José do Egito, 15 de janeiro de 1932, – Recife, 18 de maio de 2003) no seu livro *Reino dos cantadores ou São José do Egito etc., coisa e tal*, transforma a cidade numa espécie de reino encantado da poesia popular brasileira:

O Reino dos Cantadores  
no país do Pajeú  
tem sua religião.

Diversos deuses se adoram  
e todos se representam  
com especial feição.  
Ora, à maneira de plantas,  
ora em forma de animais  
nativos da região. (VASCONCELOS, 2014, p. 46)

Ressalta-se que nessa terra de deuses, natureza, homens e mulheres também as pragas e as bestas (como, por exemplo, a sede, a fome, a doença) se fazem presentes. Essas imagens e mazelas humanas, muito presentes no sertão devido à problemática das longas secas e à falta de investimento público na região, não impedem que o poeta reveja a condição do cantador no meio que o cerca como melhor maneira de autorreflexão. José Rabelo de Vasconcelos vai então falar que, nesse reino há “Santos e Sumos Pontífices”, há poetas cuja poesia revela traços místicos e em comunhão com o mundo que os cerca:

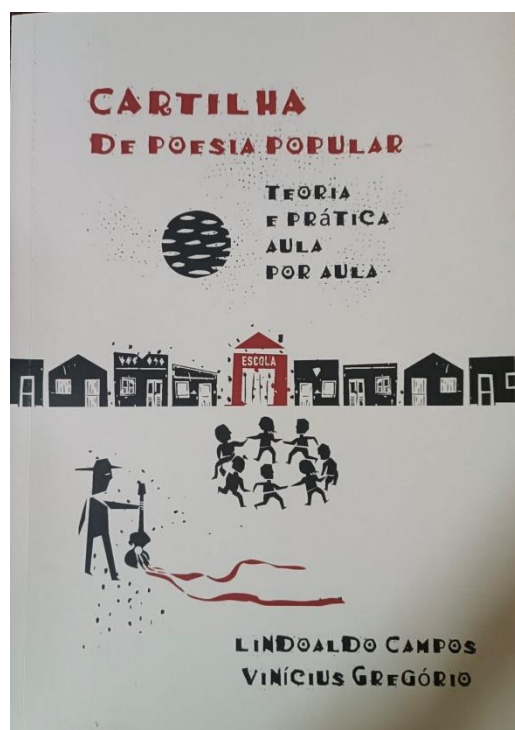
Existiu também no Reino,  
cheio de fé e de dores,  
um Santo e Sumo Pontífice.  
O chefe dos sacerdotes.  
Dirigir com “santidade”  
todos os povos do Reino  
foi sua grande missão.  
Como cidadão, chamado  
João Batista de Siqueira;  
como chefe foi sagrado  
com o nome de CANCÃO. (“Baião X”, VASCONCELOS, 2014, p. 87)

[...]

Da casta sacerdotal  
no Reino do Pajeú  
entre outros se cultuam:  
Antônio Pereira e Xudu.  
Alguns já canonizados:  
o místico Jó Patriota  
o puro Vicente Preto  
o simples José Lulu.

Cantando com um colega  
que linda filha perdera  
o sacerdote Lulu  
numa cantiga de feira,  
como dos versos vigário,  
recita esta oração  
constante em seu breviário: (“Baião XI”, VASCONCELOS, 2014, p. 90)

Assim, a poesia torna seus poetas e cantadores “príncipes”, “faraós”, “sacerdotes” e “santos” da cantoria e da glosa sertanejas, conforme os temas, as experiências e o destaque que vão tendo no cenário cultural. A cidade é então cantada a partir de uma visão mítica como uma terra de poetas natos, possivelmente de um número mais elevado do que outra cidade brasileira, se formos contabilizar os prosadores improvisados da tradição oral que residem na cidade. Sobretudo, quando em 2015, uma disciplina obrigatória, de “Poesia popular”, entra nos currículos escolares da cidade, única no Brasil a ter implementado nas escolas municipais, releva-se a preocupação na formação intelectual e artísticas dos poetas da cidade.



Capa da cartilha ofertada gratuitamente nas escolas de São José do Egito, como apoio didático para a disciplina Poesia Popular

Dessa forma, há em São José uma relação natural e simbiótica entre a própria condição dos que lá nasceram e dos que lá habitam com o mundo da poesia. E isso pode ser notado nos poetas e poetisas da nova geração. A título de exemplificação, refiro o livro de estreia de Isabelly Moreira (natural e residente na cidade), *Canta Dores*, especificamente o poema “Ao cantador repentista”, no qual o som da viola é recriado nos versos improvisados do repente que produzem uma espécie de catarse em seus ouvintes, numa associação entre a arte e o sofrimento de outrem, entre o sentimento humano e a sensibilidade e habilidade do cantador:

Sei que a arte cativa e salva gente  
De um mundo cruel e venenoso.  
A poesia é a arma do repente.  
Cada tiro que dela é disparado  
Atravessa o ouvido e sai cravado  
Pelas sendas da alma e vai tocar  
No juízo e no peito de alguém.  
CANTADOR CANTA A DOR DE QUEM NÃO TEM  
FORÇA E VOZ PARA SUA DOR CANTAR. (Moreira, 2017, p. 29)

---

<sup>4</sup> A cartilha foi apresentada à ministra da cultura, Margareth Menezes, pelas autoridades de São José do Egito com a intenção de que esse documento seja usado nas cidades que se dispuserem adotar o manual nas escolas aliado ao ensino da poesia popular. Reportagem em: <https://falape.com/sao-jose-do-egito-ecleriston-ramos-e-henrique-marinho-estiveram-com-a-ministra-da-cultura-margareth-menezes/>, acesso em 14 de maio de 2024.

Nesse caso, a repentista é uma espécie de anjo anunciador. Alude à importância da relação do poeta/poetisa músico com o seu público, pois a atividade de versejar passa pela sensibilidade de entender o sentimento alheio e expressá-lo de tal maneira evidente que esses versos dialogam com a máxima pessoa que diz que o “poeta é um fingidor” que finge “tão completamente, que chega a fingir que é dor a dor que deveras sente.”. Isso quer dizer que o compromisso com a arte poética, nessa perspectiva popular, é dialogar com o seu público, interpretar as suas vicissitudes, principalmente aquelas ligadas ao sentimento doloroso. Isabelly refere também que se o repentista é um sujeito andante e errante por diversas terras, a sua companheira, a viola, torna-se uma *persona* como se fosse uma extensão do próprio corpo do cantador:

A viola que se abraça  
Ao braço do companheiro  
E o segue pelas estradas,  
percorrendo o mundo inteiro  
Sem nunca ter má vontade,  
Demonstrando intimidade,  
Desde o contato primeiro (Moreira, 2017, p. 34).

Outro poeta da nova geração é Lucas Rafael Calado (1995), que nasceu em Afogados da Ingazeira, também sertão do Pajeú, mas foi criado e reside em São José do Egito. Lucas Calado tem uma poesia que consegue, harmonicamente, associar as formas e uma certa linguagem da poesia clássica europeia e brasileira associada ao versejar popular. Uma coisa em comum nos dois poetas acima citados – e frequentemente na poesia inicial de vários versejadores – é a preocupação metapoética, como se lê em Calado:

Meu poema vem vestido  
De um papel amarelado;  
D’algum sonho renascido  
Da vontade quase morta.  
Da nossa emancipação?  
Dê-me, pois, sua atenção  
Para prosseguirmos juntos. (“Termo de apresentação”, 2017, p. 17).

A autoafirmação e autorreflexão feitas a partir de um convite ao leitor para se adentrar na poesia de Calado, com esse poema-abertura de sua obra **Efêmero**, aponta a necessidade de inscrição como poeta com a validação e participação dos leitores.

Fazer os primeiros versos é emancipar-se no mundo artístico, é adentrar num espaço de inquietação e interpretação de linhas muito tênues entre a ficção e a realidade. A obra de estreia de Lucas Calado se apresenta como uma poesia e estética taciturnas, expressa uma intimidade mais recôndita do eu lírico. Por exemplo, em “O silêncio”, o sujeito poético se assume como a própria mudez, refere que é um guardião de “segredos” e de “pecados”, é companheiro dos poetas e dialoga com os calados. O silêncio, enquanto sujeito e categoria epistemológica, pode se tornar manifesto àqueles que assim o desejarem, quase como se fosse um reencontro “co’ a própria fé”, encerrando o poema com o sentido erótico do silêncio, aquele que o poeta mais tem estima: “Pra mim, sobretudo, o melhor é / O silêncio das bocas que se beijam.” (p. 33).



Esses dois artistas, Calado e Moreira, tiveram participação ativa na Festa de Louro de 2024, com apresentação de atrações e de livros, bem como com declamação de poesia. Assim, Lourival Batista está representado numa nova geração que o tem como inspiração.

Em suma, a Festa de Louro é a celebração de São José do Egito como cidade inspiração da poesia popular. A cidade cultivada na memória dos poetas e das poetisas carrega um valor afetivo, ela é o ponto de partida e de chegada de Louro, enquanto reino encantado propício a criação de verzejadores(as); o que a consolida como presença de uma prática poética frequente e núcleo estrutural de identificação desse espaço com a própria ideia de verso / poesia / cantoria. Durante a realização da Festa em 2024, pôde-se perceber o encontro de gerações de amantes e pesquisadores da poesia, artísticas e público de diversas cidades do Brasil. Sobretudo é uma festa realizada com esforço de familiares, amigos do poeta homenageado e sob a coordenação do Instituto Lourival Batista/A Casa do Repente, que em 2024 inaugurou o Monumento do Repente Cantoria, na rua Domingues Siqueira, em frente ao próprio Instituto. Assim, a Festa de Louro e suas diversas atividades multiculturais se alinham ao 3º ciclo poético de São José do Egito de que fala Campos, de produção de eventos que aliado a um ensino escolar de uma disciplina sobre poesia popular, revela a pré-disposição da própria população egípcia para o verso, mantendo viva essa tradição no “Reino dos Cantadores”.

A cidade se torna um território geográfico de uma paisagem literária da cultura popular pernambucana e uma *persona*, tal como a própria musa inspiradora grega da poesia, deixando de ser um mero desenho topográfico para se constituir em diversas projeções dos sujeitos líricos de seus/suas cantadores/cantadoras. Lourival Batista e a sua festa se confundem com a própria ideia da força cultura de São José do Egito.

#### **Referências bibliográficas:**

ALBERTIM, Bruno. Festa de Louro: um rio que não Passa. In **Jornal do Comércio**. 14 de janeiro de 2018. Recife Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/canal/cultura/musica/noticia/2018/01/14/festa-de-louro-um-rio-que-nao-passa-323694.php>, acesso em 25 de abril de 2024.

BENJAMIM, Roberto. **Cultura pernambucana**. João Pessoa: Editora Grafset, 2011.

CALADO, Lucas Rafael. **Efêmero**. Prefácio Giuseppe Mascena. Recife: Ed. do Autor, 2017.

CAMPOS, Lindoaldo. **Macará, Gibão e viola: poetas do Xukuru criando o sertão da poesia**. João Pessoa: Ideia, 2024.

MOREIRA, Isabelly. **Canta Dores**. Teresina: Harley, 2017.

VASCONCELOS, José Rabelo de ou MANDU, Zé de Quitéria de João de. **O Reino dos Cantadores ou São José do Egito etc., coisa e tal**. 2.ª ed. Revista e ampliada. São José do Egito: Ed. do Autor, 2014.

VERAS, Ivo Mascena. **Lourival Batista Patriota**. Recife: Ed. do Autor, 2004.